

Senhora do Rosário, esta banda é sua

LEANDRO MOREIRA DE OLIVEIRA
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil

MARCELO JOSÉ OLIVEIRA
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v26i1p206-220

O presente ensaio foi produzido durante o ciclo ritual ocorrido por ocasião da 129ª Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Airões, Zona da Mata Mineira. A incursão etnográfica tencionou, a partir de referenciais da Antropologia Visual, explorar as manifestações de performance produzidas pela Banda de Congo José Lúcio Rocha, oriunda de Córrego do Meio, uma comunidade quilombola contígua ao distrito onde ocorre a festa. Os eventos registrados aconteceram no ano de 2017 e elegemos como tema das imagens que aqui apresentamos um instante ritual chamado de *Corte*.

Esse momento acontece no decorrer da missa Conga, uma celebração complexa que ocorre durante toda tarde. A certa altura o padre suspende a celebração para a formação da chamada, que é o anúncio da sucessão de ofertas em dinheiro dadas pelos *Reis de Promessa*¹, sendo esses, pessoas contempladas por alguma graça da Senhora do Rosário. Entre os *Reis de Promessa* encontramos muitos relatos de curas e livramentos, é tradição que quando assim acontece, em agradecimento eles contribuam com as despesas da festa.

Enquanto o mesário responsável pela chamada, se organiza para o início do trabalho, os Congos se dirigem para o lado de fora da igreja, dando então início ao *Corte*. Essa etapa ritual foi a que mais nos causou expectativa. O Mestre Antônio Boi, líder da Banda, sublinhou reiteradas vezes que o *Corte* é “a hora mais pesada do Congo”. As duas esferas, igreja e Congo, trabalhando em paralelo, revivem aquilo que é na memória desses nativos o pior dos momentos entre casa-grande e senzala. O *Corte* rememora os encontros de barões escravocratas quando se reuniam para negociar escravos. A igreja representa a casa-grande onde as transações eram decididas, e a rua se transforma no pátio ou senzala, em que os negros assombrados, aguardavam seu destino.

A lista de doações que é lida na chamada é composta durante o ano; o mesário na igreja faz o papel do leiloeiro na época do comércio escravo. Toda vez

¹ Aqui um ponto curioso. Segundo me disseram, é um título universal, *Reis de Promessa* podem ser mulheres, homens ou crianças.

que anuncia uma doação com nome e valor, ele faz a memória conga voltar ao leiloeiro anunciando um lance com o valor e o nome do senhor interessado em um negro específico. Uma banda de música – composta majoritariamente de brancos e formada exclusivamente por instrumentos de raiz europeia – fica na igreja próxima à mesa, e toda vez que um lance/doação é cantado pelo mesário, a banda reage mais ou menos energeticamente de acordo com o valor. Um alto-falante instalado do lado de fora dá conta dessa movimentação pra quem fica na rua. Também os Congos reagem de acordo com o lance: quanto mais alto, mais alvoroçada torna-se a dança. Tal comportamento é a consciência do perigo de se distanciar do parente que vai ficando mais tangível.

Esse é um momento de mor consternação. Em conversas com Mestre Boi sobre o *Corte*, o mesmo sempre apontara para como essa memória do sofrimento atua nos níveis mais profundos do sujeito pesando-lhe o Ser. Quando é chegada a hora do ritual, os Congos caem em grande letargia. Alguns pedem pra não dançar, outros simplesmente fogem. Cada um cria seu próprio pretexto: calor, sol, indigestão do almoço... O Mestre atribui todas essas reações a um processo fustigação do espírito, causado pela memória da servidão que atinge cada um dos descendentes daqueles homens e mulheres que outrora foram reduzidos a uma vulgar mercadoria.

Paralelo sempre lembrado por ele é o que acontece nas interrupções do “*povo da igreja*”. No tempo da escravidão o negro não era livre, nem pra cantar e nem dançar, toda vez que se fazia alguma festa na senzala, o branco percebendo mandava parar. Nos dias atuais, quase sempre que o *Corte* é realizado, vem alguém de dentro da igreja pra reclamar da bagunça. Já em termos de corporalidade, o *Corte* na maior parte do tempo, é feito de danças circulares sempre entremeadas pela luta/cruzamento de espadas, intercaladas com os habituais momentos de oração e preleção do Mestre. Nesse momento da festa, acontece a performance mais longa de todo o ciclo ritual. A sucessão de música, luta e clamor dura cerca de duas horas sem descanso com sol a pino.

As imagens a seguir tentam dar conta desse universo visando reproduzir, sobretudo, a noção do tempo e do espaço em que se exhibe o corpo do homem Congo, um soldado juramentado do exército da Virgem do Rosário, que reunido em batalhão, atravessa as ruas do lugarejo mixando a oração cristã católica à corporalidade da dança tribal, sempre tendo como vozes de fundo a memória do cativo e a guerra espiritual. São esses os dois temas que emergem sobremaneira no *Corte*. A rua transubstanciada em campo de batalha aguça nos guerreiros de Maria a necessidade de resistir, de reexistir os antepassados, justificados pela memória que clama a intercessão da Virgem para o fim das tantas perversões sofridas no passado e ainda sentidas no presente por esse povo tão conectado às suas raízes.

autores **Leandro Moreira de Oliveira**

Coordenador de extensão na cátedra Paulo Freire – UFV. Bacharel em Direito pela Escola de Estudos Superiores de Viçosa. Bacharel e Licenciando em Ciências Sociais, Mestre na grande área de Sociais Aplicadas, Pós-Graduado em Gestão de Políticas Públicas Para Gênero e Raça, todos pela Universidade Federal de Viçosa.

Marcelo José Oliveira

Professor Adjunto III de Antropologia Social do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. Possui graduação, mestrado e doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, e pós-doutorado junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e à Universidade Complutense de Madrid.

Recebido em 27/02/2018

Aceito para publicação em 30/03/2018



1. Mestre Boi abre o ritual rogando à Nossa Senhora que abençoe a causa Conga convidando os antepassados a se juntarem ao batalhão.



2. Um Corta Vento desliza pelo espaço abrindo caminho para a dança circular.



3. Mestre Du convoca os tambores.



4. Os tambores começam a soar.



5. Seu Bené cadencia o ritmo com a sanfona.



6. É iniciada a batalha.



7. Os guerreiros de Maria se entregam ao calor da pelea formando evoluções circulares.



8. Sob o comando de Mestre Boi, as espadas se cruzam continuamente formando o sinal da cruz.



9. Um soldado vocifera seu cântico de louvor.



10. Um dançador usa os movimentos de seu corpo como oferta à Santa, no esquema Congo a dança é uma prece.



11. Um Embaixador do Congo passa o batalhão em revista.



12. Ao final, um Congo observa a dispersão da tropa.